

TERRITORIALIDADE XAVANTE – ZOMORI¹
TERRITORIALIDAD XAVANTE – ZOMORI
TERRITORIALITY XAVANTE – ZOMORI

Maria Lucia Cereda Gomide²

RESUMO: Entende-se que a reprodução física e cultural dos povos indígenas em seus territórios, em grande parte, está condicionada à demarcação de territórios indígenas, que considere a territorialidade e o modo de vida indígena. No entanto, não foi o caso do território Xavante. A demarcação do território indígena Xavante em diversas terras indígenas ilhadas e, portanto, separadas entre si, causou inúmeros conflitos socioambientais, alterando seu modo de vida. O território indígena compreende as relações de apropriação do espaço que possui diversas dimensões como política, cultural, simbólica e cosmológica de um determinado povo indígena.

Palavras-chave: Xavante, territorialidade, território, cerrados, modo de vida.

RESUMEN: Se entiende que la reproducción física y cultural de los pueblos indígenas en sus territorios está condicionada, en su mayoría, a la demarcación/delimitación de territorios indígenas, que considere la territorialidad y el estilo de vida indígena. Sin embargo, no fue el caso del territorio Xavante. La demarcación/delimitación del territorio indígena Xavante en diversas tierras indígenas aisladas y por tanto separadas entre si, causó innumerables/numerosos conflictos socioambientales, alterando su modo de vida. El territorio indígena comprende las relaciones de apropiación del espacio que tiene numerosas dimensiones como la política, cultural, simbólica y cosmológica de un determinado pueblo indígena.

Palabras clave: Xavante, territorialidad, territorio, "cerrado", estilo de vida.

ABSTRACT: This research deals with the Xavante territory and territoriality. Is well known that physical and cultural reproduction of the indigenous people is mostly conditioned to their territory delimitation, which contemplates the territoriality and the indigenous way of life. That was not the case when it comes to the Xavante's territory. The delimitation of the Xavante's indigenous territory in many patchy lands caused various social and environmental problems changing their way of life. The indigenous territory regards the relations of the space appropriation which has different aspects such as politics, symbology and cosmology of a certain indian tribe.

Keywords: Xavante, territoriality, territory, brazilian savanna, way of life.

¹ Artigo referente à pesquisa de doutorado do Departamento de Geografia da FFLCH/USP, orientada pela Profa. Dra. Sueli Angelo Furlan e financiada pelo CNPq.

² Professora do Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: malugomide@yahoo.com.br.

Introdução

O presente artigo discute um conceito denominado *zomori* pelos Xavante, o qual está relacionado com a territorialidade desse povo. Este trabalho foi propiciado pela pesquisa realizada na elaboração da tese de doutorado, na qual se discutiu o território indígena Xavante e suas relações com os cerrados.

O contato do povo Xavante com a sociedade envolvente ocorreu em diferentes momentos, pois as cisões políticas determinaram que os vários grupos Xavante realizassem trajetórias distintas. O período de sua História de meados do século XIX até recentemente refere-se aos grupos Xavante que passaram a viver no Mato Grosso, após as travessias dos rios Araguaia, Cristalino e das Mortes.

De acordo com Lopes da Silva (1992, p. 124) pode se resumir os principais fatos da história Xavante do século XX como descrito a seguir: “a partir da década de 1940, finaliza-se uma fase de isolamento dos Xavante, com a colonização do centro-oeste, por meio da conhecida “Marcha para o Oeste” desenvolvida pela Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central; nesse período ocorre a denominada “pacificação oficial” dos Xavante de Pimentel Barbosa, os quais formam um dos grupos Xavante. Novamente um período de isolamento nos anos 1960, voltando à década de 1970 com a fase das demarcações das terras indígenas Xavante e o destaque da liderança Mário Juruna-*Dzuru’rã*, neste período salienta-se a imagem do povo Xavante como indígenas reivindicadores de seus direitos.”

O território Xavante atual, localizado no estado do Mato Grosso, está fragmentado em nove terras indígenas, a saber: TI Marãiwatsede, TI Pimentel Barbosa, TI Areões (Areões I, Areões II), TI Marechal Rondon, TI Parabubure, TI Chão Preto, TI Ubawawe, TI Sangradouro/Volta Grande, TI São Marcos.

Metodologia

A pesquisa fundamenta-se nos procedimentos da pesquisa participante, no conhecimento adquirido ao longo dos anos de trabalho como parceira da Associação Xavante *Warã*, por meio de projetos iniciados no ano 2000 na comunidade da aldeia *Idzou'hu* (TI Sangradouro). Dessa forma, construiu-se uma relação de confiança e de amizade, ao mesmo tempo de compromisso político com os Xavante. Aprendendo a ouvir e a compreender outros “discursos culturais”, e assim a entender outras lógicas, rompendo com a “a assimetria das relações sociais geralmente impostas entre entrevistador e o entrevistado” (BRANDÃO, 2001, p. 54-55).

Dessa experiência pessoal, determinante foi conhecer a triste realidade daquilo que foi um dia os cerrados brasileiros. Atualmente, reduzidos a poucos fragmentos, sendo que no estado do Mato Grosso os únicos fragmentos de cerrado significativos são as terras indígenas.

Buscou-se então entender esta contradição entre dois mundos, os desafios ambientais da permanência do Xavante nos cerrados.

Nesse contexto é que se parte de uma ação para chegar a uma pesquisa. O acesso às informações, portanto, na forma como se deu este trabalho, foi feito por meio dos dados produzidos ao longo da vivência com o desenvolvimento de projetos.

A área de estudo

A área de estudo compreende as terras indígenas Xavante: TI Marãiwatsede, TI Pimentel Barbosa, TI Areões (Areões I, Areões II), TI Marechal Rondon, TI Parabubure, TI Chão Preto, TI Ubawawe, TI Sangradouro/Volta Grande, TI São Marcos.

O Quadro 1 mostra dados sobre área em hectares, município, situação fundiária das Terras Indígenas Xavante:

Quadro 1 – Terras Indígenas Xavante área (ha) e situação fundiária e localização

TERRA INDÍGENA	ÁREA (HECTARES)	MUNICÍPIO	SITUAÇÃO FUNDIÁRIA
TI Marãiwatsede	168.000	Alto da Boa Vista	Homologada
TI Pimentel Barbosa	328.966	Água Boa Canarana Ribeirão Casalheira	Homologada
TI Areões	218.515	Nova Xavantina	Homologada
TI Areões I	24.450	Água Boa	Demarcada
TI Areões II	16.650	Água Boa	Demarcada
TI Marechal Rondon	98.500	Paranatinga	Demarcada
TI Parabubure*	224.447	Campinápolis Água Boa	Homologada
Chão Preto	8.060	Campinápolis	Homologada
Ubawawe	51.900	Novo São Joaquim	Homologada
TI Sangradouro	100.280	General Carneiro Poxoréu	Homologada
TI São Marcos	188.478	Barra do Garças	Demarcada

Fonte: Instituto Socioambiental (2014).

Zomori – caminhada longa pelos cerrados

A análise da territorialidade Xavante leva à interpretação do termo *zomori*. Faz-se aqui uma tentativa de mostrar através deste movimento o jeito de ser/viver dos grupos locais e suas interações com o ambiente (LADEIRA, 2001, p. 102).

No mito denominado *Parinaí'a*, que pode ser traduzido como aqueles que renovam ou os criadores, é contada a história da criação dos seres dos cerrados, durante a realização do *zomori*, o movimento das caçadas longas. Assim, o enfoque do mito é a relação com a construção do território e dos cerrados Xavante. *Parinaí'a* são adolescentes (*wapté*), por este motivo relacionados com a resistência, experimentando a sua própria força. Os *wapté* são associados à criatividade, fertilidade, potência sexual e ainda à superação espiritual (MAYBURY-LEWIS, 1984). Pode-se entender o *zomori* como a recriação deste mito, pois é durante a realização do *zomori* que os Xavante transmitem e renovam seus conhecimentos para as gerações mais novas. Dialeticamente é no movimento do *zomori* que os criadores formam o cerrado e o território, e é através desta criação que se pode praticar o *zomori*, que se traduz como época de caçada e coleta pelos cerrados e pelo território Xavante.

A importância deste mito deve-se à criação do território e ao mesmo tempo dos cerrados (*Ró*), onde são criadas as diferentes fitofisionomias dos cerrados, como explica Hiparidi Xavante (informação verbal)³: “Não é agricultura, mas uma relação de construção, não somente dos alimentos, mas sim do próprio território, com quem vai sendo criado.”

Lopes da Silva (1986, p. 226) analisou a importância deste mito e escreveu sobre os aspectos relacionados aos adolescentes *wapté* no mito, *Parinaí'a*: “[...] criadores porque imaturos. Criadores porque mediadores entre natureza e cultura. Criadores porque cristalização de uma aliança entre

³ Depoimento de Hiparidi Xavante registrado em 2007.

opostos". Numa sociedade controlada pelo grupo, a permanência é enfatizada e assim a criatividade está relacionada aos *wapté* que ultrapassam os limites. As suas criações são identificadas com vários elementos fundamentais da cultura Xavante, como os alimentos, a belicosidade e, por fim, definem a configuração do território e mundo Xavante (LOPES DA SILVA, 1986, p. 226).

Versões do mito

Nas versões coletadas por Giaccaria e Heide (1975), Lopes da Silva (1986) e a narrada por Sereburã (1999) são descritas as criações dos dois heróis Xavante. Assim criam os Cerrados, desde os frutos; os animais até o próprio relevo são obras suas. Nesse sentido é que se forma a configuração do território Xavante, pois através destas criações são formadas as fisionomias do cerrado, as águas e as matas até a Serra do Roncador. Nas relações com este espaço é que os Xavante têm o exercício da territorialidade.

a) criam a Serra do Roncador [...] delimitando o território próprio do grupo;

b) criam rituais – como a corrida de tora de buriti – elementos vitais para a organização social do grupo, a classificação das pessoas e para a permanência da sociedade como um todo (LOPES DA SILVA, 1986, p. 226-8).

De acordo com Giaccaria e Heide (1975, p. 45), "dois rapazes eram dotados de um dom especial. Podiam, em conjunto e com o poder da palavra, criar tudo o que desejassem, inclusive transformarem-se, tomando formas de animais." Em trecho deste mito, na versão de Giaccaria e Heide (1975, p. 45) do livro *Jerônimo Xavante conta*, a criação de alimentos:

Há muito tempo, nossa gente vivia na selva, e dela tirava seus alimentos. Todos os dias os homens e os rapazes saíam à sua procura. Essa tarefa não era fácil, pois as árvores não davam frutos. Colhiam pau mofo e caçavam. À noite, reencontravam-

se num lugar predeterminado e aí acampavam, distribuindo em seguida os resultados da batida. Estes eram os alimentos de nosso povo no início. Ora, entre os rapazes, dois eram dotados de um dom especial. Podiam em conjunto e com o poder da palavra, criar tudo o que desejassem, inclusive transformarem-se tomando formas de animais. Eles saindo para as caçadas, usando deste dom, começaram a criar ora uma coisa, ora outra. Colhiam em abundância e comiam. Depois levavam grandes quantidades para o acampamento para todos que lá estavam. [...]

Então vamos.

Amigo o que você deseja?

Não sou eu quem manda, é você.

Você não quer a bocaiúva?

Eu quero.

Vamos, vá procurando.

E viram uma porção de bocaiúva.

Foram catando e experimentando, havia muitos cachos.

Como vamos levar?

Ah, eu vi lá um broto de buriti, vá buscar.

E os dois fizeram um cesto para levar Bocaiúva.

[...] agora não sentiremos mais fome. Talvez tem alguma coisa que está existindo? Tem sim, só que vocês não enxergam. Essa bocaiúva é gostosa.

Venham aqui, os dois *wapté* trouxeram a bocaiúva o alimento para nós.

Onde é que pegaram?

Nós a vimos bem na beira do trilheiro onde vocês passaram.

[...] e foram distribuindo para todos. E outra vez continuaram a viagem, e marcaram o lugar onde iriam parar. Pararam no lugar marcado. Os homens saíram caçando [...] As mulheres diziam entre si:

Agora estão descobrindo alimento gostoso. Amanhã vamos parar onde os dois acharam uma porção de babaçu. Pararemos alguns dias para que o alimento mate a fome. Nós não vamos tirar tudo, vamos deixar alguns. Assim podem se multiplicar as palmeiras de babaçu. Foram acampar mais perto. As mulheres foram fazendo as casas e as filhas foram tirando o coco de babaçu. Quando as mulheres acabaram de fazer as casas, todos foram catar cocos [...]

Nesta versão de Lopes da Silva (1986, p. 285 coletada em 1974, na aldeia Paraíso), reproduzimos parte deste mito onde descreve a criação da Serra do Roncador:

Então *Parinaí'a* falou para o companheiro:

- Como que nós vamos fazer?
- Deixe os outros sair na frente, nós não precisamos sair juntos.

Então todo mundo saiu. Depois saíram os dois rapazes. Um perguntou para o outro:

- Como podemos fazer agora?
- Eu não sei não, que você está achando?
- Vamos criar a mina, a serra, assim fecha trilheiro, gente não precisa passar mais. Vamos criar varjão também.
- Aí, depois, todos os dois aceitaram. Vai colocar mesmo a mina, a serra. Depois fez muito comprida a serra assim [referência à Serra do Roncador].
- Aí, depois começou a corrida de buriti. Aí, vai entregando para o outro, para o outro, entregando, entregando, até encontrar a serra.
- Como tem serra aqui? Nós passamos aqui e era tudo campo limpo, agora tem serra? O que é isso?
- Ninguém tinha percebido que eram os dois rapazes que estavam criando as coisas [...]

Sereburã et al. (1999) contam a história dos criadores, como ocorre a criação dos cerrados Xavante; neste trecho está narrando a criação da macaúba, do cará e de peixes. Também reitera a condição de que percorriam o território em *zomori*, sempre andando...

Antigamente o povo *A'uwe* era nômade, vivia em *zomori*, andando sempre, percorrendo todo o território. Naquele tempo ainda não existiam muitas coisas e os dois *wapté* criadores foram povoando a terra, criando alimentos e animais... O povo estava em *zomori*. O grupo de *wapté* seguia junto com as famílias. [...]

Pela manhã as mulheres saíram com seus cestos. Voltaram carregadas de *norõ*! Depois de todos se alimentarem, seguiram em *zomori*. Os dois *i'amõ* distantes do restante do povo conversam:

- Ah! *I'amõ* o que nos vamos criar agora?
- Você escolhe.
- Agora tem que ser *a'ódo*.

Trouxeram os cestos cheios de *a'ódo* para o acampamento.

Os padrinhos chamaram todos para ver o que os dois *i'amõ* tinham trazido, agradecendo: *hepari, hepari, pari...*

— Onde vocês conseguiram a macaúba? Onde pegaram?

— Ora bem ali perto. Tem muito *a'odo*.

Os padrinhos disseram que as mulheres na manhã seguinte iriam coletar a macaúba. Pela manhã as mulheres saíram com cestos presos à cabeça e voltaram carregadas de *a'odo*. Depois todos comeram e seguiram em *zomori*.

— Ah! *I'amõ* o que nos vamos criar agora?

— Você escolhe.

— Agora tem que ser *mo'õni uptabi*.

E então criaram *mo'õni*. Levaram muito *mo'oni* para o acampamento e mostraram para os padrinhos.

Os padrinhos agradeceram e chamaram os outros para ver o que os *wapte* haviam trazido.

E os dois perguntaram de novo:

— O que as mulheres estão fazendo? Por onde estão andando? Tem muito *mo'oni* lá...

Os padrinhos disseram que as mulheres na manhã seguinte iriam coletar *mo'oni*. E assim elas fizeram. Trouxeram muito *mo'oni*. Todos se alimentaram e o grupo seguiu em *zomori*, mudando o acampamento de lugar. [...] e os padrinhos disseram que elas iriam buscar no dia seguinte. E pela manhã, lá foram as mulheres coletar *mo'onihöiré* para alimentar toda a aldeia. Estes foram os primeiros alimentos que os *ti'amoimé* criaram para o povo *A'uwe*. O *zomori* seguiu. Andaram muito e fizeram novo acampamento. [...]

No dia seguinte o povo já estava em outro acampamento e os dois conversam:

— *I'amõ* vamos tomar banho?

— Vamos!

— E agora o que vai ser?

— Você escolhe.

— Tem que ser *pewatõ*.

Já era final de tarde. Estava quase anoitecendo. Os meninos estavam brincando no rio quando um deles se afastou um pouco do grupo e viu dois peixes muito grandes se movimentando lentamente dentro d'água. Ficou admirado e chamou os companheiros. Os meninos correram então para o acampamento para avisar o povo que os *pewatõ* estavam no rio. Naquele tempo ainda não existia *pewatõ*.

O povo seguiu até o rio quando lá chegaram não havia mais peixes. Nesse momento os dois *ti'amoimé* saíram de dentro da água como se não soubessem o que estava acontecendo. O povo não percebia que eram os dois que criavam as coisas.

O tempo passou. Era época de seca. O *zomori* seguia. Todos estavam com sede e não encontravam água. O povo se espalhou procurando água. Mas estava tudo seco. Não havia água. Os caçadores gritavam de longe:

— Tem água aí?

— Não está tudo seco!

Um dos *wapté* criadores desmaiou de tanta sede. De seu nariz saiu uma secreção. O líquido saindo, fazendo barulho e se transformando em água.

Ele acordou e chamou os outros, avisando que havia água. Todos vieram e mataram a sua sede. Algumas pessoas já tinham passado naquele lugar antes e disseram não havia água... (SEREBURÃ et al., 1999, p. 39, 40, 43, 44).

O mito segue contando a sequência de criação de animais, e de outros alimentos como as palmeiras de indaiá, acuri, insetos, até chegar à criação da onça (*hu*) quando os criadores são descobertos e mortos. A sociedade determina sua morte, "como único meio de controle sobre suas atividades, e os homens ficam donos do criador, negando aos heróis a possibilidade de superabundância de bens e poder" (LOPES DA SILVA, 1986, p. 225).

É interessante nestas passagens do mito *Parinai'a* compreender a visão Xavante da construção do *Ró* e ao mesmo tempo em que enfatizam o *zomori*. Podemos, portanto, entender, como salientou Maybury-Lewis (1984), "aspectos mais gerais da cosmologia Xavante", pois neste importante mito temos a construção do próprio mundo Xavante, ou o *Ró*, já que este tem um sentido maior que engloba além dos Cerrados, o Território, Nossa Terra, Mundo e os espíritos.

Zomori e territorialidade

Os movimentos (chamados por alguns autores de seminomadismo) pelo território, denominados pelo Xavante pelo termo *zomori*, as caçadas longas são uma forma de uso do espaço ou territorialidade.

Assim, entende-se que a territorialidade seria construída na própria mobilidade espacial, não como um movimento sem rumo. Não se considera, portanto, como desterritorialização porque, ao repetir o movimento, pode-se definir o território, pois existe conhecimento da trajetória percorrida (HAESBAERT, 2004, p. 243).

De acordo com Lopes da Silva (1981), os Xavante tinham períodos de seminomadismo; ficavam nas suas aldeias poucos meses ao ano, viviam assim, “com a casa nas costas”, “percorriam o território, em grandes grupos nas expedições de caça e coleta”, ou seja, em *zomori*. Também é observado pela mesma autora que a aldeia não era fixa em um local, mas “ocupava um espaço durante alguns anos e depois mudava sua aldeia base para terras novas, sem detritos acumulados e mais descansadas para o cultivo” (LOPES DA SILVA, 1981, p. 43).

O termo *zomori* nos foi explicado por Ruriõ Xavante (informação verbal)⁴ como um grande movimento de duração de vários meses, mas que infelizmente já não existe na atualidade, devido ao tamanho insuficiente das terras indígenas que não comportam sua territorialidade, em suas palavras: “...esses valores não acontecem mais, está só na memória, está só na boca”. Em seu depoimento, esclarece que o *zomori* tinha um período determinado para acontecer, o qual seria após o cultivo da roça e enquanto as plantações se desenvolviam. Assim, a comunidade se dividia e partia em sua longa caminhada de caça e coleta nos cerrados.

O termo *zomori* quer dizer caçada longa, acontece em época certa, por exemplo, os homens, a comunidade que fizeram a roça. Enquanto a roça está parada, eles fazem já combinação para fazer caçada longa chamada *zomori*, antigamente, levava

⁴ Depoimento de Ruriõ Xavante registrado em 2003.

dois ou três meses, assim mesmo embora a distância de 100 km, 150 km, eles mantinham contato com a aldeia. Então antigamente o *zomori* começava em fevereiro e voltava em maio quando o feijão fava vinha amadurecer, também quando plantavam o milho, por exemplo, novembro, para colher em dezembro, janeiro. Então nesse intervalo, é que eles faziam *zomori*. Para quê? Para transmitir conhecimentos, para caçar, descansar, porque fazer roça é desgaste muito grande, tem muita força de vontade... (informação verbal)⁵

Ruriõ explica que durante o *zomori* era um período de aprendizagem, em que homens, mulheres, adolescentes e crianças participavam. Assim, o conhecimento indígena sobre o cerrado, seu repertório geobotânico e a espiritualidade eram transmitidos de geração em geração. Portanto, a transmissão dos saberes tradicionais é/era feita durante o *zomori*.

É um critério que foi criado há muito tempo onde os meninos adolescentes, padrinhos aprendiam de tudo, era momento propício para se aprender tudo, como se caça, como se cozinha uma caça grande, caçar, assar, por exemplo, assar tatu é diferente de assar carne de veado, é outro jeito. Como preparar o jirau para colocar as caças em cima para cozinhar. Então tudo isso as crianças, os adolescentes, os padrinhos aprendem de tudo, homens e mulheres que vão juntos. Nesse *zomori* as mulheres podem [ir], todo mundo vai quem quiser, tem sempre um líder que vai puxar, que vai comandar essa caçada longa, e também, nesse *zomori* se for mais de 10 a 15 adolescentes, tem ritual, próprio dos adolescentes... Mas é fundamental a presença dos velhos, são eles que vão parando os acampamentos, eles que fazem a orientação e escolhem o local, onde eles discutem, como passou, onde passou, o que encontrou, se tinha pegadas de queixada, por exemplo. Toda noite tem reunião na beira do fogo onde se discute o cotidiano... (informação verbal)⁶

Outros depoimentos também relembram o tempo em que ainda era possível as andanças pelo território. Antigamente era o tempo da liberdade, quando tomavam conta de seu território que se estendia: até o rio Tapirapé, ao norte, o rio das Garças, ao sul, e o rio Xingu, a oeste. Segue o depoimento

⁵ Depoimento de Ruriõ Xavante registrado em 2003.

⁶ Depoimento de Ruriõ Xavante registrado em 2003.

do Xavante Paulo César à Iara Ferraz (1992) sobre a ocupação e uso dos recursos na região das matas de Marãiwatsede:

Eles penetravam para o lado do Xingu. Nessa floresta aí, eles penetravam à procura de cará, mas como não dava para fazer deslocamento, fazer aldeia dentro era muito difícil porque não tinha palha para fazer casa, então eles acampavam com uma planta chamada *wesupó*, igual a bananeira. [...] não dava para fazer casa nessa mata, então por isso que os nossos bisavós, os nossos pais mesmo saiam para o cerrado. [Na mata] só procuravam a pesca, a caça, a fruta que é útil na alimentação. Não ficavam. Às vezes acampavam um ano, três anos, depois saiam... andávamos nessa mata todinha, até o rio Xingu, até lá no rio Tapirapé. [...] até no Culuene. Eles pegavam o território inteiro, andavam tudinho. Depois saía e recolhia para a aldeia chamada *Bo'u* (FERRAZ, 1992, p. 44).

Continuando com palavras do cacique Damião Paridzane, que revela:

[...] os antigos costumavam ir de *Wedemo're* [aldeia próxima à sede da fazenda Suia Missu] e de outras aldeias até o Rio Xingu e afluentes. [...] *Wedemo're* foi construída exatamente na região onde terminava o cerrado e começava abruptamente a mata da Serra do Roncador. [...] os Xavante eram acostumados a percorrer trilhas de longa distância, como a que ligava *Wedemo're* passando em plena mata, à atual região da cidade de Cascalheira, habitada por outros grupos Xavante (FERRAZ, 1992, p. 46).

Nos tempos que ainda dominavam seu território, os Xavante tinham a possibilidade das longas caminhadas, que chegavam próximas ao rio Xingu e ao rio Tapirapé. Após estas perambulações, voltavam às aldeias.

No trecho a seguir, do livro *Wamrême Za'ra, nossa palavra* (1999), de Sereburã, Hipru, Rupawe, Serezabdi e Sereñimirãmi, é enfatizado ao longo de toda a história a condição do *zomori*, do movimento pelo território, a importância da coleta na alimentação diária realizada pelas mulheres e as caçadas pelos homens. Nessa narrativa salienta-se toda a importância do *zomori* para a reprodução da cultura Xavante.

Antigamente o povo *A'uwe* [...] vivia em *zomori*, andando sempre, percorrendo todo o território. Naquele tempo ainda não existiam muitas coisas e os dois *wapté* criadores foram povoando a terra, criando alimentos e animais... O povo estava em *zomori*. O grupo de *wapté* seguia junto com as famílias. [...] Pela manhã as mulheres saíram com seus cestos. Voltaram carregadas de *norõ*! Depois de todos se alimentarem seguiram em *zomori* (SEREBURÃ et al., 1999, p. 39, 40, 43, 44).

Maybury-Lewis teve contato com os Xavante em uma época de pouca alteração no ritmo de vida tradicional; pôde, portanto, observar a relação dos Xavante com o espaço sem o confinamento nas atuais terras indígenas. Baseando-se em suas análises compreende-se a territorialidade Xavante a partir da noção de *zomori*:

Quatro dias depois de nossa mudança para a aldeia (no final de abril) a comunidade partiu em uma expedição de caça e coleta através da região da Serra do Roncador [...] viajei com eles durante todo o mês de maio e de junho [...] no dia sete de agosto a comunidade partiu novamente para uma expedição de caça e coleta [...] antes que tivesse chegado a conhecer todos os habitantes da aldeia, a comunidade dividiu-se em três grupos e partiu numa expedição de caça e coleta. Viajei com um grupo, aproximadamente cinco semanas (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 22).

O autor conta então que viajou novamente em 1962 quando visita a aldeia *Ötõ*, onde seus habitantes estavam todos fora, numa expedição de caça e coleta. Assim, também ocorre quando em sua visita a Areões onde constata que seus habitantes estavam numa expedição. (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 24-25-33). Maybury-Lewis mostra que as expedições de caça e coleta longa eram constantes no período de sua pesquisa nas décadas de 1950 e 1960 e também comenta sua grande importância para a cultura Xavante.

Até os anos 1960, os Xavante eram seminômades, a comunidade estava localizada, no lugar em que grandes casas cobertas de folhas de palmeiras eram construídas. Todas as expedições de caça e coleta que caracterizavam os períodos

de vida nômade tinham ali seu ponto de partida e de chegada mas seus habitantes passavam a maior parte do ano em regiões mais ou menos distantes (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 32).

Nestas palavras o autor sintetizou a ocupação espacial, seu território tradicional: “Havia pouca variação sazonal na vida dos Xavante, tanto nas águas como na seca era possível caçar e coletar, só era preciso uma condição, as de estarem **sempre** andando [...]” (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 98-99, grifo do autor).

Assim, Maybury-Lewis (1984, p. 100) registrou os movimentos das expedições pelo território Xavante em um mapa reproduzido na Figura 1. Pela experiência de Maybury-Lewis, apreende-se que os Xavante percorriam o extenso território ao longo de todo o rio das Mortes.

Nas palavras do Xavante Cipassé (informação verbal)⁷, o território estendia-se desde “São Felix do Araguaia até Cuiabá”. E, assim, divididos em vários grupos, os Xavante percorriam os cerrados em *zomori* (caçada longa).

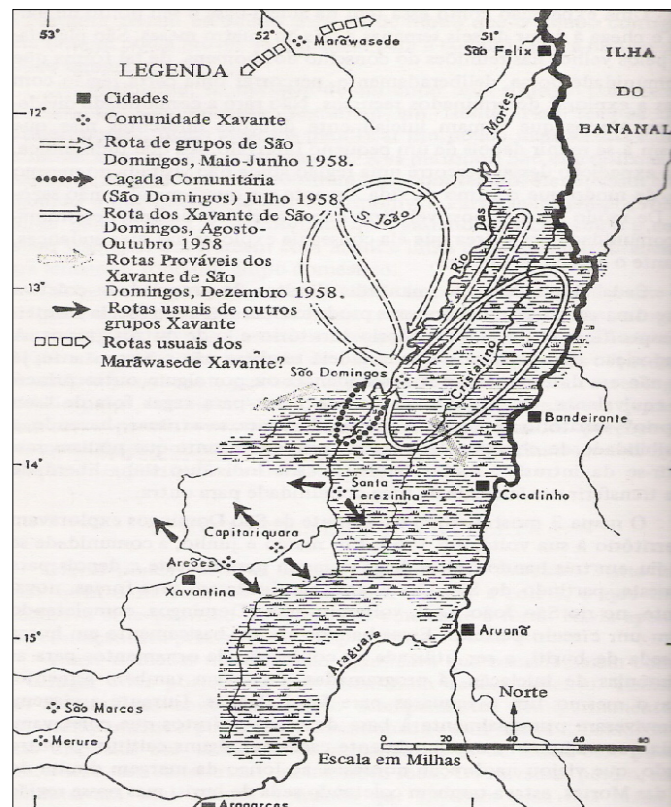
Deve-se salientar a existência de uma cartografia de todos os recursos naturais, sua localização e abundância. Nestas ocasiões coletavam, além dos frutos e raízes, os recursos necessários para a confecção de ornamentação ritual. Como se compreende pelas observações de Maybury-Lewis:

Os Xavante de São Domingos exploravam o território a sua volta, em 1958 em março e junho, a comunidade se dividiu em três bandos. Dois deles viajaram para o oeste e depois para noroeste, partindo de São Domingos; eles juntaram suas forças novamente no Rio São João. Dali voltaram para São Domingos, completando assim um círculo perfeito. Esses bandos saíram basicamente em busca de seda de buriti, a ser utilizada na confecção de ornamentos para as cerimônias de iniciação já programadas. Buscavam também sementes para o mesmo fim e taquaras para fazer flechas. Durante a viagem, sobreviveram principalmente à base de raízes e frutos que coletavam, ainda que os homens ocasionalmente caçassem alguns caitetus. O outro bando que viajou na direção nordeste, ao longo da margem direita do rio das Mortes estava também coletando seda de buriti, mas nessa região não havia nem sementes nem taquara. Por outro lado, a caça era mais

⁷ Depoimento de Xavante Cipassé registrado em 2006.

abundante – principalmente veados – e foi isso que os atraiu para lá (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 99).

Figura 1 – Os movimentos das expedições pelo território Xavante.



Fonte: Maybury-Lewis (1984, p. 100).

Maybury-Lewis (1984, p. 101) também descreve os itinerários que acompanhou nestas excursões, e que seguem ao longo do rio das Mortes e seus afluentes, chegando até trechos do Araguaia, assim como de afluentes da bacia do Xingu. Em sua descrição é comentada a existência de vários grupos locais (que o autor denominou de bandos), que se deslocam por todo seu território. Conclui-se, portanto, que na territorialidade Xavante o movimento *zomori* é essencial para a definição de território Xavante. Nesse sentido, sua importância enquanto um dos caminhos de acesso ao conhecimento do mundo *A'uwe*, de sua história, sua geografia e suas relações espirituais com o cerrado, seu território.

Mas, já no ano de 1962, comenta o autor (1984, p. 50), estas práticas estavam sendo abandonadas, ainda que este fato fosse negado pelos

Xavante. Na atualidade, como não se tem mais a possibilidade de praticar o *zomori*, as caçadas com o fogo também se tornaram problemas numa terra restrita, nas palavras de Ruriõ Xavante:

Os caçadores já sabem que na época da chuva tem certos animais que aparecem, assim na época de seca os bichos estão na sombra nas matas ribeirinhas e saem de noite. Na época da chuva, o veado, a anta, o tamanduá saem da mata daí descansam, andam no cerrado fora da mata por causa das frutas, aí tem como achar eles. Por exemplo, tem árvores que já estão quase secando por si mesmo, e então quando põe fogo essa não recupera não brota mais. Agora quando ainda é nova, vai voltar a brotar. Só que na cultura xavante não queimamos somente no mesmo lugar, vai sempre mudando, vai mudando. E também antigamente tinha espaço enorme sem limite, agora não e a queimada está diminuindo também, assim por uma necessidade de caçada eles ainda fazem, né. As folhas que caem e o capim que secam então isso pega fogo fácil, isso é conhecimento próprio dos velhos, que acompanham [as épocas certas de queimada] pela constelação... (informação verbal)⁸.

Em outro depoimento é destacado como a recuperação territorial e dos cerrados seria interessante do ponto de vista da sobrevivência física, como retorno dos alimentos de uma dieta tradicional:

Para [a terra, o território] emendar tudo, mesmo nas áreas devastadas, assim o cerrado vai voltar [...] Plantar mais abóbora, milho, feijão, além disso tem aquelas frutas do mato, palmito, coquinho, caju, pequi, coco de buriti... (informação verbal)⁹.

A grande alteração no padrão seminômade, logo após a sedentarização nas terras indígenas, ocasionou uma ruptura nas atividades coletivas, como explica Lopes da Silva (1986, p. 11-12), "diminuição da frequência de atividades econômicas coletivas e traz como alternativa para a sobrevivência um aumento da importância da agricultura como fonte de alimentos."

⁸ Depoimento de Ruriõ Xavante registrado em 2006.

⁹ Depoimento de Tserenhi'Omo TopTiro registrado em 2008.

Considerações finais

O *zomori* é um importante movimento espacial e um período de aprendizagem sobre o cerrado, o território e sobre a cultura Xavante, que não tem mais como ser praticado na atualidade.

Os Xavante, assim como outros povos indígenas do Cerrado, têm suas terras e sua cultura em constante ameaça. A ocupação drástica e a degradação dos cerrados fazem com que esses povos vivam hoje sedentarizados nas terras demarcadas. Estas não correspondem a seus territórios e dessa forma também não vivem sua territorialidade.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante**. 8. ed. e 2. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FERRAZ, Iara. **Relatório do Leilão da Gleba Suiá Missu onde foi impedida a presença de Índios Xavante**. Ed. CTI, 1992.

GIACCARIA, B.; HEIDE, A. **Jerônimo Xavante conta**. São Paulo: Dom Bosco, 1975.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LADEIRA, Maria Inês Martins. **Espaço geográfico Guarani-Mbya**: significado, constituição e uso. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia, FFLCH, USP, São Paulo, 2001.

LOPES DA SILVA, Aracy. Xavante: casa – aldeia – chão – terra – vida. In: NOVAES, Sílvia C. (Org.). **Habitações Indígenas**. p. 33-56, 1981. São Paulo: Nobel: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

_____. **Nomes e amigos**: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê. FFLCH/USP, 1986.

_____. Dois séculos e meio de História Xavante In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Companhia das Letras/Fapesp, 1992.

MAYBURY-LEWIS, David (1967). **A Sociedade Xavante**. Tradução: Aracy Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

SEREBURÃ et al. **Wamrêmé Za'ra, nossa palavra**: mito e história do povo Xavante. São Paulo: Editora Senac, 1998.